

## Prefácio

Pinto, Carla, 2006, *Autorepresentação e heterorepresentação dos condutores de veículos automóveis ligeiros: contributo para a compreensão da guerra civil rodoviária em Portugal*, Lisboa ISCSP

O livro que tenho o gosto de apresentar, da autoria de Carla Cristina Pinto, constitui a versão para público da dissertação de Mestrado em Sociologia aprovada por unanimidade, em 2002, por um júri constituído pelos professores Óscar Soares Barata (ISCSP/UTL), António Firmino da Costa (ISCTE) e por mim próprio.

Trata-se de um estudo exploratório sobre a questão da *guerra civil rodoviária*, resultando de um esforço de investigação de um ano, após a conclusão da sua pós-graduação em Sociologia, realizado paralelamente às suas obrigações como docente. A alusão a este facto, serve para sublinhar antes de mais dois aspectos importantes:

- Em primeiro lugar, a capacidade de trabalho da autora, que conseguiu num curto espaço de tempo produzir investigação sociológica significativa para a Academia. Numa época em que o Futuro entra cada vez mais depressa no Presente sem pedir licença encurtando significativamente o ciclo de vida do Conhecimento, é gratificante registar a rapidez com que este projecto foi concluído sem perda de qualidade.
- Em segundo lugar, a natureza pioneira da obra, que se debruçou sobre uma matéria pouco estudada em termos científicos em Portugal. Este facto levou a autora a recorrer a uma estratégia exploratória procurando, a partir de dados documentais provenientes de fontes nacionais e internacionais disponíveis e interpretados à luz de um sólido enquadramento teórico, construir um dispositivo metodológico adequado e desenvolver uma sólida investigação empírica.

Os resultados alcançados são extremamente interessantes, tanto para o entendimento da formação das representações sociais dos condutores dos veículos ligeiros em Portugal, como para a explicação dos seus efeitos no modo como encaram o risco rodoviário e como estruturam o seu desempenho na estrada.

Um exemplo ilustrativo de tais resultados é o da ambivalência encontrada entre o modo como cada inquirido se auto-representa e o modo como representa o Outro (condutor), sobrevalorizando o seu desempenho e

subvalorizando o desempenho do Outro, o que levanta pistas promissoras sobre o modo como os condutores portugueses lidam com o risco rodoviário (por exemplo: Eu classifico-me como *rápido* enquanto ao Outro, designo-o por *acelera*).

Para finalizar, parece-me indispensável chamar a atenção para um aspecto epistemológico importante: partindo de uma discussão cuidadosa dos conceitos de *risco*, *sociedade de risco*, e de *risco rodoviário* e da teoria das representações sociais, a autora não se limita a analisar comodamente o seu objecto de estudo; vai mais além, envolvendo-se na reflexão sobre as medidas a adoptar para reduzir o problema. A opção pelo envolvimento cívico do investigador não é fácil e presta-se ao escrutínio de muitos que, não tendo coragem para o fazer, refugiam-se nas suas cómodas torres de marfim, que muitas vezes mais não são que formas encapotadas de deixar a sociedade como está.

A este propósito, Josué de Castro, Presidente da FAO durante vários anos e autor de diversas obras sobre a fome como problema planetário, a quem Darcy Ribeiro se referiu como *o intelectual mais brilhante que conheci* (1997: 122), na introdução do seu livro *Sete palmos de terra e um caixão*<sup>ii</sup> referia:

*(...) No fundo, a antiga sociologia era mais utópica do que científica, e a sua utopia consistia exactamente no seu inconsciente desejo de que o processo social se imobilizasse, para ser melhor fotografada. Desta forma, a antiga sociologia era bem mais comprometida do que a sociologia nova, cuja validade científica defendemos. Mas era comprometida com uma ideologia do imobilismo, de uma imagem estática da sociedade, considerada como uma coisa já feita, definitiva e perfeita, enquanto a nova sociologia considera a estrutura social como um processo em constante e rápida transformação.*

Em suma, sem ceder a compromissos de uma discutível *engenharia social* a obra de Carla Pinto revela claramente a opção por uma sociologia comprometida, teórica e metodologicamente alicerçada, mas também tributária da sua formação inicial em Política Social. Em meu entender, ainda bem.

Hermano Carmo

---

<sup>i</sup> RIBEIRO, Darcy (1997), *Confissões*, S. Paulo, Companhia das Letras, p. 122

<sup>ii</sup> Castro Josué de (1975), *Sete palmos de terra e um caixão*, Lisboa Seara Nova, p 25